

# A obra em francês de Maria Isaura Pereira de Queiroz

Marion Aubrée

**Como citar:** AUBRÉE, M. A obra em francês de Maria Isaura Pereira de Queiroz. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 281-290. DOI: <https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p281-290>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## A OBRA EM FRANCÊS DE MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

Marion Aubrée<sup>1</sup>

Na São Paulo dos anos 40, quando a Professora Maria Isaura se formou, havia uma grande efervescência intelectual criada pela dinâmica dos dois centros de Sociologia: a Escola Livre de Sociologia e Política e o Curso em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP). Naqueles locais, docentes se cruzavam, como ela própria descreveu num artigo publicado na França em 1991:<sup>2</sup> professores norte-americanos, ingleses, alemães e franceses, cada um trazendo seus métodos, sua reflexão e um pouco de sua cultura de origem. Essa época fecunda permitia que a *antropofagia*, definida por Oswald de Andrade como uma forma de construção cultural particular dos brasileiros, funcionasse plenamente com o confronto dessas contribuições estrangeiras e da especificidade sociocultural brasileira, representada por jovens cientistas em vias de formação ou já formados. Quem mergulhou nesse meio só poderia ter adquirido uma abertura particular para descobrir o mundo e sair em busca do Outro.

Porém, não foi com o Outro distante, como poderia ter sido o estudo dos traços particulares da cultura de um desses mestres vindos de longe, que a estudante Maria Isaura foi compartilhar a vida, mas com o Outro nacional oferecido pela imensidade do Brasil. Efetivamente, o que é mais alheio ao meio

---

<sup>1</sup> Antropóloga do Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain (CRBC), École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) – Paris. Tradução da própria autora. Revisão das Professoras Ethel V. Kosminsky e Claude Lèpine.

<sup>2</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Le développement des sciences sociales au Brésil: naissance, formation systématique et expansion. In: PARVAUX, S., REVEL-MOUROZ, J. (Org.). *Images réciproques de la France et du Brésil*. Ed. bilingüe. Paris: IHEAL, 1991. p.691-738.

citadino da moderna megalópole em vias de formação (já contando com mais de 2 milhões de habitantes) do que um vilarejo rural do interior da Bahia? O contraste deve ter sido total, mas o resultado do confronto foi particularmente rico e lançou a pesquisadora na análise de fenômenos culturais característicos do meio rural brasileiro. Esses estudos do universo rural das regiões do interior constituem as primeiras análises socioculturais feitas pela professora, onde se delineava o interesse por um mundo que já tinha assombrado Euclides da Cunha, o mundo dos sertões ou mais amplamente, o mundo camponês. O meio rural e seus integrantes, seja do Nordeste ou mais tarde do interior de São Paulo e dos Estados do Sul do país, iam se constituir no tema privilegiado da primeira série de artigos e obras publicados por Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre a história social daqueles homens e, mais particularmente, sobre a história de suas utopias através da análise dos messianismos surgidos no campo brasileiro.

Entre os docentes estrangeiros que ensinaram no Curso em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, o professor Roger Bastide foi um dos que ficaram mais tempo (1937-1954). Isso permitiu um entrosamento maior entre ele e os estudantes e docentes da Faculdade à qual pertencia, assim como um interesse bem fundado por certos problemas sociais oriundos da construção histórica particular desse país. Isso iria lhe permitir reformular algumas noções e dar uma nova orientação teórica para estudos feitos por ele posteriormente, como já mostrei num artigo recente.<sup>3</sup> Maria Isaura, entre outros, foi aluna de Roger Bastide e, logo, colaboradora tanto na docência quanto nas pesquisas do mestre francês.

Essa colaboração levou-a a passar algum tempo na França e a apresentar, em 1954, para obtenção do diploma da *École Pratique des Hautes Études* o estudo *La guerre sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado* que, publicado em 1957 no Brasil, foi objeto de uma resenha pelo Professor Henri Desroche nos *Archives de Sociologie des Religions*. Na época, os

---

<sup>3</sup> AUBRÉE, M. Roger Bastide à l'interface de l'Un et du Multiple, comunicação apresentada no Colóquio de homenagem à Roger Bastide (Cerisy-la-Salle, 7/11 de setembro 1992), aceita para publicação no n. 9 da revista *Bastidiana* (janeiro 1995). (Traduzido e publicado nesta coletânea, N. O).

estudiosos franceses ficaram surpresos com a presença de Carlos Magno e dos doze pares de França entre os mitos capazes de mobilizar uma comunidade messiânica surgida entre camponeses brasileiros, e vários entre os que trabalhavam com os fenômenos religiosos se interessaram um pouco mais pelo Brasil a partir desse trabalho. As reflexões de Maria Isaura tocaram os estudiosos parisienses porque traziam elementos novos para a corrente nascente do que logo foi chamado *antropologia dinâmica*, cujos representantes franceses mais conhecidos são Roger Bastide e Georges Balandier. Esse interesse resultou na publicação, em francês, dos primeiros artigos da Professora Pereira de Queiroz em revistas prestigiosas como *Les Annales*,<sup>4</sup> em 1956, e também nos *Archives de Sociologie des Religions*, cujo n. 5 (1958) apresenta dois trabalhos tratando do tema do messianismo, central na época nos escritos da cientista. Trata-se de *L'influence du milieu social interne sur les mouvements messianiques brésiliens*, no qual, a autora lembra os vários tipos de movimentos messiânicos conhecidos historicamente no Brasil, desde a busca da *Terra sem Mal* pelos Guaranis até os *messianismos rústicos* da virada do século. Na sua análise, ela se interroga sobre as teses elaboradas para explicar movimentos aparentemente similares, ocorridos na América do Norte. A conclusão mostra que, no caso do Brasil, essas correntes religiosas não têm as características de *contra-aculturação* propostas, para explicar a *Ghost Dance* e outros movimentos *nativistas*; isso porque a sua análise põe em relevo, o fato que, no Brasil, esses movimentos são provocados mais por uma causalidade interna do que pelo choque de duas culturas. O segundo artigo, *Classification des messianismes brésiliens*, delinea já, através da análise dos casos brasileiros, os elementos básicos da posterior síntese sobre o fenômeno messiânico no mundo.

Paralelamente a essas análises específicas, Maria Isaura aproveitava essa ligação que tinha criado com a França para informar sobre o avanço dos estudos em Sociologia no seu país,<sup>5</sup> numa época em que poucos franceses sabiam da existência de pesquisas em Ciências Sociais feitas por brasileiros, no Brasil. Após a fundação, em 1964, do Centro de Estudos Rurais e

<sup>4</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Miracles au Brésil. *Annales (Paris)* v. 11, n. 3, jul/set, p. 336-346, 1956.

<sup>5</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Les études ethno-sociologiques au Brésil. *Recherches et Dialogues philosophiques et économiques (Paris)*, n. 96, 1959.

Urbanos (CERU), vários trabalhos de campo foram empreendidos, muitos deles orientados para um tipo de pesquisa que, mais tarde, seria chamada de *pesquisa-ação*. Como muitas vezes ocorreu na sua história, os brasileiros criaram uma nova forma de focar a relação entre o trabalho sobre a realidade social e o compromisso com essa mesma realidade. Nesse sentido, o Brasil se adiantou bastante em relação à Europa, onde as discussões teóricas sobre a relação entre pesquisa fundamental e aplicação política dos resultados da pesquisa só surgiram no fim dos anos 70.<sup>6</sup>

Entre 1958 e 1968 Maria Isaura publicou, em francês, uma série de artigos dedicados à análise das várias facetas do messianismo rural e também de algumas problemáticas ligadas à aceleração do fenômeno de migração urbana e do seu corolário, a formação cada vez mais acelerada das favelas.<sup>7</sup>

Quando saiu na França, em 1968, o primeiro livro publicado em Paris por Maria Isaura, *Os Cangaceiros: les bandits d'honneur brésiliens*,<sup>8</sup> a produção sociológica brasileira era conhecida fora dos meios especializados, sobretudo, pela tradução de *Casa grande e senzala* de Gilberto Freyre, feita pelo próprio Roger Bastide e publicada pela Gallimard, em 1952. Essa obra importante saiu sob o título *Maîtres et esclaves*, na coleção *La croix du Sud* dirigida por Roger Caillois, outro cientista francês particularmente interessado pelas culturas latino-americanas e suas originalidades. Após esse livro, no qual o sociólogo nordestino mostrava como a integração entre as raças e as classes tinha ocorrido no Brasil de uma maneira, digamos, *harmoniosa*, era interessante a apresentação de outro segmento social histórico do Nordeste, como os cangaceiros, cuja oposição às autoridades, local e federal, deu lugar a lutas e confrontos ferozes, longe da suposta harmonia do litoral descrita por G. Freyre.

Foi, também, nesse mesmo ano, que foi publicado o livro da socióloga paulistana que teve a maior repercussão internacional. Três anos após

<sup>6</sup> Cf., em particular, as conclusões do Colóquio de L'Association Internationale des Sociologues de langue française, 11, 1982, Paris. *Colóquio...* Paris, 27 sept./1er oct. 1982.

<sup>7</sup> Entre outros: PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. et al. Les classes sociales dans le Brésil actuel. *Cahiers Internationaux de Sociologie (Paris)*, 34, p. 137-169, 1965. Enfance et Adolescence dans les favelas brésiliennes. *Les Carnets de l'Enfance*, Fonds des Nations-Unies pour l'Enfance (Paris), jan. 1968.

<sup>8</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *Os cangaceiros: les bandits d'honneur brésiliens*. Paris: Julliard, 1968. 223p.

sua publicação no Brasil, tendo recebido o Prêmio Jabuti para a melhor obra em Ciências Sociais (1966), o livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Réforme et Révolution dans les sociétés traditionnelles: Histoire et Ethnologie des mouvements messianiques*, foi lançado em Paris pela casa editora Anthropos e marcou uma etapa importante no estudo dos fenômenos messiânicos. As análises gerais anteriormente realizadas, em particular por Norman Cohn e Vittorio Lanternari, não faziam nenhuma distinção entre milenarismos e messianismos e, pelo menos quanto ao segundo, tendiam a ver todos esses movimentos como formas de romper com a opressão tradicional; Lanternari terminava assim enfatizando a dimensão *revolucionária* de tais movimentos.

Ao contrário, Maria Isaura, através de suas análises, delineia uma fronteira entre messianismos e milenarismos, fundada na ação diferente do messias e do profeta; com efeito, mesmo que os dois sejam capazes de catalisar uma demanda social, os segundos são caracterizados pelo fato de não organizarem nada permanente, enquanto os primeiros tendem a assentar comunidades de crentes prontos para uma ação imediata de transformação do cotidiano. Por outro lado, mesmo que ela concordasse com Lanternari sobre o fato de que a dimensão revolucionária, ou seja de ruptura, é muito importante nos messianismos, a Professora Pereira de Queiroz mostra como essa caracterização não vale para todos os ditos movimentos e, como vários deles não visam a criar uma ruptura com a tradição mas, antes, a restabelecer uma ordem perdida, se caracterizando como *movimentos de reforma*. Por fim, como resultado de suas análises, ela infere, sem se deter nisso, o que, no prefácio do livro, Roger Bastide considera como a maior novidade daquela pesquisa: o fato de que além das causalidades externas ou internas, o messianismo só pode surgir em sociedades que Bastide chama *de linhagens* e Maria Isaura de *família extensa*, ou seja, sociedades nas quais as mais complexas relações sociais se estruturam a partir da entidade *família*, seja essa consangüínea ou de aliança. Vinte e cinco anos depois e, na perspectiva de quem observou a dinâmica posterior de certos fenômenos religiosos, eu diria que o messianismo cujo desaparecimento é quase total no mundo nesse momento, só surgiu em sociedades onde o *indivíduo* não tinha ocultado a *pessoa*, ou seja onde o sentido comunitário ainda primava sobre o individualismo.

Esta obra foi a base de vários cursos que a Professora Maria Isaura deu nos anos 70, em Paris e em particular no Institut des Hautes Études d'Amérique Latine. Naquela época, muitos eram os estudantes interessados em saber mais um pouco, ou muito, sobre esse subcontinente latino-americano onde alternavam ditaduras militares e revoluções socialistas, bem-sucedidas (Cuba) ou abortadas (Bolívia e Peru). Era quando desde Paris ou Madrid ou Bruxelas saíam *charters* de jovens para *ajudar* a revolução cubana cortando cana (tarefa dos homens) ou colhendo folhas de tabaco (tarefa das mulheres). Era quando a curiosidade e uma certa fascinação por esses países levavam muitos de nós a entrar na carreira dos estudos hispânicos ou lusitanos, cuja extensão americana nos permitiria descobrir esse Novo Mundo, mesmo quase quinhentos anos depois. Então, foi naquele tempo que muitos jovens franceses, entre os quais eu mesma, mergulhados num mundo secularizado, descobriram pela voz de Maria Isaura outro universo, onde a religião tinha sido e continuava sendo um motor essencial do dinamismo social.

Mas Maria Isaura não é conhecida na França só através dos estudos do messianismo. Enquanto fundadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP, ela não podia deixar de lado aquela efervescência urbana que revertia as cifras de população das duas áreas, rural e urbana. Os estudos urbanos de Maria Isaura, que chegaram à França, se articulam sobre dois eixos: os cultos afro-brasileiros e o fenômeno carnavalesco.

A proximidade intelectual com Roger Bastide e a participação em algumas pesquisas de campo sobre os cultos afro-brasileiros levaram Maria Isaura a retomar e aprofundar certos conceitos utilizados ou criados por esse professor. Foi o caso, em particular, de um longo artigo publicado nos *Archives des Sciences Sociales des Religions*,<sup>9</sup> no qual a cientista brasileira após retomar os dois princípios *de participação* (Lévy-Bruhl) e *de cisão* (Bastide) mostra como a atualidade do segundo e da teoria corolária da *interpenetração de civilizações* pode, para além da dimensão especificamente religiosa, a partir da qual tinham sido criados, ajudar na compreensão da realidade global da sociedade brasileira,

<sup>9</sup> Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Principe de participation et principe de coupure. *Archives des Sciences Sociales des Religions*, n. 47, p. 147-157, 1979.

e também de outras sociedades ligadas ao Ocidente. Esse trabalho, assim como as várias reflexões sobre a *criação religiosa* e a ligação dessa com a identidade nacional estão alimentando uma renovação do interesse sobre o Brasil de parte de estudantes que estão, hoje, empreendendo a carreira universitária. De fato, após uma grande diminuição do interesse pela América Latina, de parte dos jovens nos anos 80, começou a se destacar na França, a partir desta década, uma renovação do empenho científico ligado a essa região, que se traduz por um número crescente de americanistas em formação e, segundo a minha observação direta, de jovens *brasilianistas*.

Mais recentemente, a difusão da obra de Maria Isaura na França se deslocou para os estudos sobre o Carnaval, que culminaram com a publicação de *Le Carnaval brésilien: Le vécu et le mythe*, pela Gallimard, em 1992, ou seja, no mesmo ano da edição brasileira.<sup>10</sup> Essa obra foi muito comentada tanto na imprensa especializada, quanto também na grande imprensa. Assim, Gilles Lapouge<sup>11</sup> enfatiza o fato de o livro atestar que “não existe um modelo universal da festa ... uma trama única que seria baseada sobre a inversão dos valores”, enquanto Alice Raillard<sup>12</sup> põe em relevo o estudo histórico das expressões carnavalescas brasileiras e a dimensão mais integradora do que subversiva desta explosão social anual. De fato, nesse livro encontra-se novamente uma preferência pela análise sociodinâmica que, como sempre nas obras da autora, dedica uma parte importante à construção histórica do fenômeno carnavalesco e às explicações socioeconômicas desse *símbolo nacional*. Sobre esse assunto só se conhecia anteriormente, na França, o livro do antropólogo Roberto Da Matta. Ele estudou o Carnaval como parte de um ensaio mais amplo sobre cultura brasileira, do ponto de vista da Antropologia Cultural, e publicou *Carnavais, Malandros e Heróis*,<sup>13</sup> logo traduzido para o francês. Na medida em que, na França, o fenômeno

<sup>10</sup> No Brasil: PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992. (N.O.).

<sup>11</sup> LAPOUGE, G. Le délire surveillé. *Le Monde (Paris)*, nov. 1992.

<sup>12</sup> RAILLARD, A. Le carnaval brésilien. *La Quinzaine Littéraire*, n. 611, 1992.

<sup>13</sup> DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

carnavalesco é conhecido do grande público só através dos seus excessos, as obras que analisam sua dimensão sociocultural, como essas, permitem restabelecer o sentido simbólico que o Carnaval tem dentro da cultura brasileira, fora da mistificação incentivada todos os anos pelos comentários pouco sutis da mídia européia.

Hoje em dia, Maria Isaura representa para os cientistas sociais franceses algo mais que uma *grande dama* da Sociologia brasileira. Ela nunca cessou desde os anos 50 de enriquecer o conhecimento mútuo dos dois países, seja na França, pelas publicações, aulas e conferências, seja, no Brasil, pela difusão ampla do conhecimento aprofundado que ela tem das linhas de pensamento que se desenvolveram, ao longo desses anos, nos meios parisienses. Aliás, esse saber detalhado sobre o pensamento sociológico francês dos últimos 50 anos lhe outorgou o importante papel de zelar para que as valiosas contribuições de alguns dos grandes etnólogos e sociólogos franceses falecidos, como Bastide ou Leenhardt, não sejam esquecidas pelas novas gerações de *estrelas intelectuais* parisienses. Maria Isaura escreveu, em 1970, o prefácio à reedição da obra-prima de Maurice Leenhardt: *Do Kamo: La personne et le mythe dans le monde mélanésien*, na qual ela lembra a importância da contribuição teórica do livro desse autor e mostra como aquele estudo se constituiu, na época, numa refutação drástica das teses de Lévy-Bruhl sobre o pensamento pré-lógico, refutação fundada numa longa prática da sociedade estudada. Ela considera também Leenhardt como um dos primeiros representantes da luta contra o etnocentrismo sociológico do qual poucos estudiosos, na época, eram capazes de se libertar.

Em relação à Roger Bastide, outro representante do anti-etnocentrismo, além de aprofundar cada vez mais e reatualizar, através de novos artigos, alguns dos conceitos criados por esse grande sociólogo, Maria Isaura publicou, no livro de homenagem dedicado ao cientista francês após sua morte, um artigo cujo título e conteúdo teria sem nenhuma dúvida agradado demais ao mestre, pois parece-me responder a um desejo inconsciente de identificação com o país que o sociólogo não somente estudou, mas amou muito: *Roger Bastide*,

*sociologue brésilien*.<sup>14</sup> Nesse texto, ela mostra como Roger Bastide se inscreve numa continuidade da Sociologia brasileira por não ter descartado as análises feitas, em particular, sobre o dualismo da sociedade brasileira, pelos cientistas brasileiros anteriores e ter, a partir de reflexões originais, lançado o fermento de novos estudos sociológicos realizados pelos seus alunos brasileiros sobre a realidade específica desse país.

Sempre incentivando a difusão dos trabalhos de Roger Bastide, ela escreveu também o Prefácio do livro desse autor, *Art et Société*, que tinha sido publicado em São Paulo em 1945, em primeira edição, e saiu na França somente em 1977.<sup>15</sup> Através desse trabalho ela põe em relevo o interesse sempre renovado de Bastide pelas produções artísticas como forma de expressão de uma *estética social*, ou seja, ligadas à interação específica entre um indivíduo criador e sua sociedade particular.

Essa relação com a obra de Bastide representou muito na produção de Maria Isaura, mas ele não foi o único francês a quem prestou homenagem. Assim, como já mencionei, ela apoiou a reedição do livro de Leenhardt, mas também contribuiu em *Mélanges*, dedicados às obras de Georges Gurvitch, Jacques Lambert, Charles Morazé, Placide Rambaud e Pierre Monbeig, todos cientistas, geógrafos, historiadores e sociólogos que trabalharam no Brasil, e deixaram um testemunho analítico dos anos passados aqui.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Roger Bastide, sociologue brésilien. In: POIRER, J., RAVEAU, F. (Org.) *L'Autre et l'Ailleurs*. Paris: Berger-Levrault, 1976. p. 88-96.

<sup>15</sup> BASTIDE, R. *Art et société*. Paris: Payot, 1977. No Brasil: Idem. *Arte e sociedade*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Nacional/EDUSP, 1971. (N. O.).

<sup>16</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Le paysan brésilien traditionnel et la perception des étendues. In: BALANDIER, G. et al. *Perspectives de la sociologie contemporaine*: hommage à G. Gurvitch. Paris: PUF, 1968. p.269-87. Idem. Prefácio à reedição de LEENHARDT, M. *Do Kamo*: la personne et le mythe dans le monde mélanésien. Paris: Gallimard, 1971. Idem. Brésil, XIX<sup>ème</sup> siècle: les précurseurs des Sciences Sociales. In: *Culture, science et développement*: mélanges en l'honneur de Charles Morazé. Toulouse: Privat, 1979. Idem. Hommage brésilien à Placide Rambaud. In: VINCIENNE, M., DESROCHE, H. (Org.) *Avec Placide Rambaud (1922-1991)*. Paris: Association Collégiale Henri Desroche, 1991. Idem. La recherche géographique au Brésil. In: THERY, H., DROULERS, M. (Org.) *Pierre Monbeig, un géographe pionnier*. Paris: IHEAL, 1991, p.57-64.

Há quinze anos atrás, conheci Maria Isaura, pessoalmente, em Paris na casa de amigos comuns; há quinze anos, trocamos idéias sobre temas de nosso interesse comum e, quero dizer que me sinto cada vez mais próxima de sua postura, enquanto estudiosa dos fatos sociais, e também de sua postura em relação ao Outro. Nesses últimos anos está se esboçando, mesmo entre cientistas sociais, uma nova posição – que eu chamaria de uma *nova ilusão* – fundada sobre um desejo de identificação total com o Outro. O resultado mais freqüente desta atitude é que acreditando ter-se tornado o Outro, muita gente permite-se falar como se fosse o Outro, ou como se estivesse no lugar dele, deixando de lado todas as predeterminações culturais inscritas na trama mais profunda de cada um, esquecendo de *onde falam*. Maria Isaura nunca deixou nem quis deixar de ser brasileira, mas ela aprendeu e compreendeu as outras culturas, particularmente a francesa, de modo a participar melhor dessa ampla condição humana que é nossa herança comum, além das nossas especificidades culturais. Foi isso que lhe permitiu assumir esse belo papel de *mensageira de realidades profundas* entre nossos dois países.